

e/əbu Nº28

novembro de 2007

Roberto Menescal

*Entrevista com um mestre da guitarra
cuja biografia se confunde com a
história da música nacional.*

Fernanda Takai

*Vocalista do Pato Fu recria
sucessos de Nara Leão no seu
primeiro disco solo.*

Soma

*Músicos de Fortaleza se unem a
fim de reforçar a produção
independente da cidade.*



O universo conspira. Só pode ser ou como poderia explicar a série de coincidências que aconteceram nessa edição? O tema maior aqui é bossa nova, que está presente na figura de Nara Leão, que Fernanda Takai irá homenagear em seu primeiro disco solo, está na entrevista de Menescal, um ícone, e na própria constatação de que o gênero completou 50 anos e poucos se deram conta disso.

Tudo começou quando decidi reler *Chega de Saudade*, de Ruy Castro. Fazia anos que nem olhava pro livro, mas quando estava arrumando as malas, ele acabou sendo o eleito para me acompanhar nesse tempo longe da pátria-mãe. E assim pude lembrar de histórias saborosas durante o mês de adaptação, onde o banzo é sempre grande. Isso acabou despertando o desejo de fazer uma entrevista com alguém que viveu naquela época. Pensei em Roberto Menescal e Carlos Lyra, sendo que o primeiro atendeu o pedido para felicidade geral da nação elebu.

Nesse meio tempo, comecei a organizar uma pequena palestra para estrangeiro ver sobre o tema (ou seja, nada com profundidade mais com muito entusiasmo) e fui pesquisar os vídeos disponíveis no youtube. Achei um de Nara Leão fazendo um breve depoimento e cantando *Insensatez* com direito a legendas em inglês. Era perfeito para o meu propósito, mas acima de tudo, aquilo era maravilhoso. Acabei assistindo todos os vídeos disponíveis, um mais emocionante que o outro. Moça de classe era a Nara.

No mesmo dia da palestra, pouco depois de ter mostrado o que o Tom Jobim tinha para os gringos, vi um lembrete na agenda do Pato Fu onde dizia que o disco solo de Fernanda Takai havia sido masterizado na semana anterior, e mais, ela tinha gravado com Menescal. E como diz a música escrita pelo John, "e tudo se encaaaaaaaaixaaa".

E nesse processo doido que nasceu a edição de novembro. Todas as páginas relacionadas estão em P&B, abusando do alto-contraste em homenagem aos discos de bossa nova lançados nos anos 60 pela gravadora Elenco. Ela não tinha muito dinheiro e era mais econômico lançar as capas em P&B. O curioso é que muitas delas tinham três bolinhas vermelhas que resolvi colocar na capa e em outras páginas como referência e também como homenagem.



ELEFANTE BU N° 28

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO, PRODUÇÃO E TEXTOS NÃO ASSINADOS:

Djenane Arraes

DIAGRAMAÇÃO "PORÃO WEB":

Washington Ribeiro

CAPA:

Imagem retirada do site oficial de Roberto Menescal

COLABORADORES:

Washington Ribeiro, Rúbia Cunha, Leonardo de Moura, Georgiana Calimeris.

AGRADECIMENTOS:

Dewis Caldas, Rita Maria Félix da Silva, Roberto Menescal, Fernanda Takai, Ricardo Koctus, Felipe Gurgel, George Belasco.

DISTRIBUIÇÃO:

Por e-mail

BLOG PARA DOWNLOAD:

<http://elefantebu.poraki.com.br>

CONTATO:

elefantebu@yahoo.com.br

CANÇÕES E AFINS:

Bossa nova até não querer mais, em especial *Wave*, de Tom Jobim, mas na voz de João Gilberto; *o Barquinho*, de Roberto Menescal, na voz de Nara Leão.

APOIO:



porãoweb.com.br

Capa/ Ziniando:

Roberto Menescal

Pato Fu:

Disco solo de Fernanda Takai

Disco solo de Ricardo Koctus

Ziniando:

Nova e velha bossa

Soma

Festival Kura Del Sur

Trabalho voluntário e Halloween

Para ler:

Os Mistérios de Pittsburgh

O Guia:

Muitas faces

Vórtex e paradoxos

Colunista da edição:

Dewis Caldas



Fernanda cor

A vocalista do Pato Fu, Fernanda Takai, escolheu encarar um desafio e tanto ao aceitar o convite do compositor e produtor Nelson Motta para interpretar canções que marcaram a carreira de Nara Leão. O disco homenagem também é o debut de Fernanda num vôo solo. Mas ela ainda tem os companheiros de banda John Ulhoa e Lulu Camargo como músicos, sendo que o primeiro também assina a produção. São 13 faixas, sendo que uma delas tem a participação especialíssima de Roberto Menescal tocando guitarra. A produção é independente e a direção musical é de Nelson Motta.

Elefante Bu - É um disco de bossa nova, uma vez que estamos falando da musa do movimento?

Fernanda Takai - Não é um disco de bossa nova. Aliás a idéia foi justamente mostrar o amplo repertório que a Nara gravou, a maioria das vezes em primeira mão. Foram sambas, choros, música de filme, música pra criança, bossa nova também. Mas os arranjos não foram nem um pouco fiéis às originais. Aliás, espero que algumas pessoas não se incomodem com isso.

Elebu - O disco foi uma idéia do Nelson Motta, não é? Como esse projeto chegou até você?

Fernanda - Ele me mandou um e-mail dizendo que tinha vontade de fazer um disco com o repertório da Nara e que a cantora que ele mais achava que seria capaz de regravar essas músicas com personalidade e elegância era eu. Claro que fiquei envaidecida. Não tinha nenhum projeto ou gravadora por trás. Foi pura vontade artística. Como ficou sendo até o fim. Foi como fazer um disco pra dar de presente pros amigos se lembrarem da Nara e para as pessoas me conhecerem mais como intérprete de outras canções que não estão na discografia do Pato Fu.



pato fu

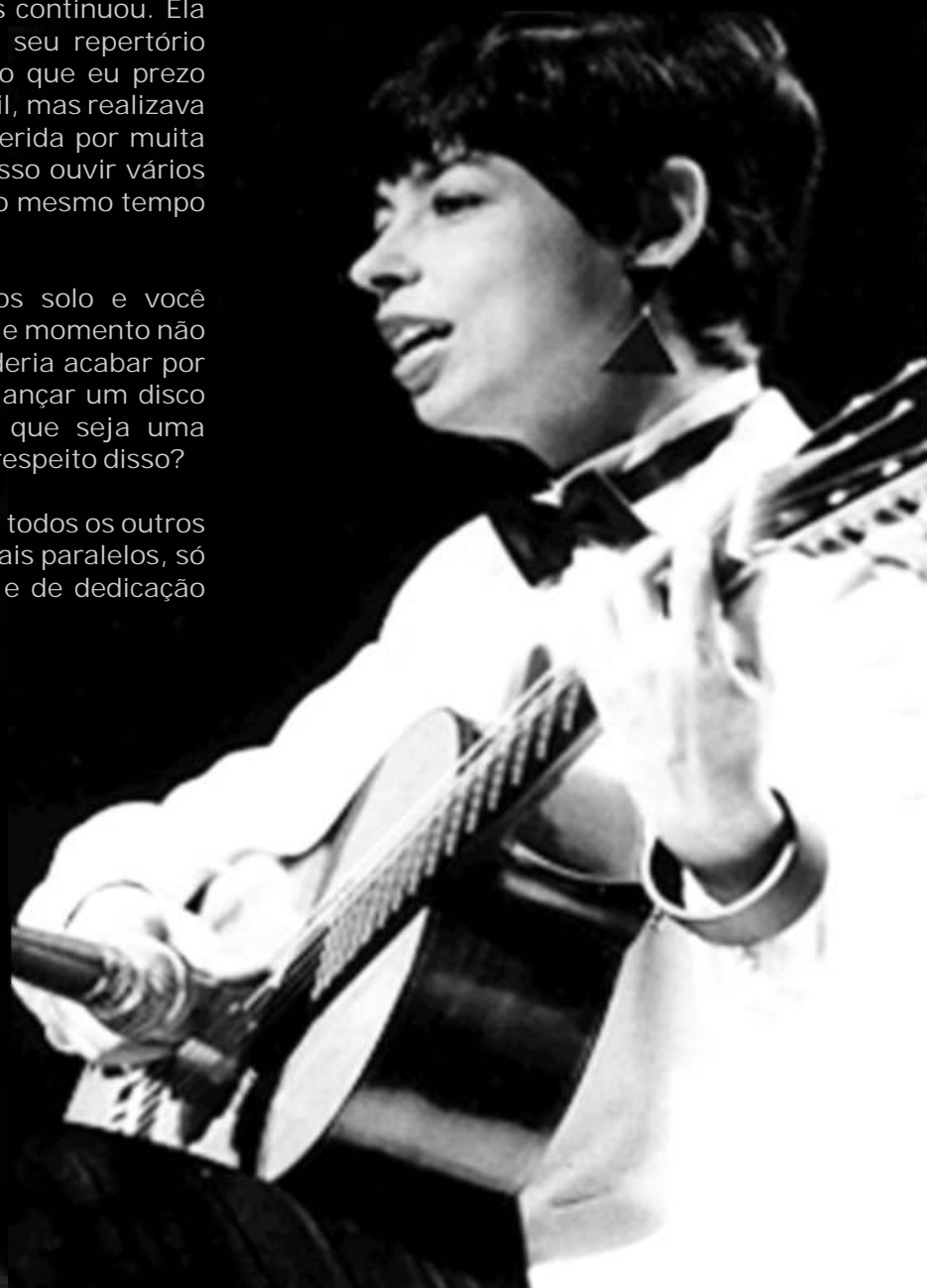
ação de Leão

Elebu - Há muitos anos li uma crítica do Tem Mas Acabou no Correio Braziliense, onde o autor disse que em *Nuvens* o seu vocal ficava muito próximo ao de Nara. Talvez tenha sido por causa da música em específico, ou pelo timbre da voz, mas acho que essa foi a primeira e única vez que vi o seu nome relacionado com o de Nara até a notícia do disco (fora às vezes que você a citou como influência). Houve outras comparações do tipo entre você e ela? Qual a sua visão dela como a pessoa que foi e influência?

Fernanda - Acho que era o Carlos Marcelo! Ele tinha razão não é? Muita gente falava na Rita Lee, mas acho que sou uma cantora meio bossa nova na origem. Por conta do que meus pais ouviam em casa e esse meu gosto pelo timbre mais suave de vozes femininas continuou. Ela era uma cantora muito inteligente, sabia escolher o seu repertório como ninguém e tinha uma boa dose de discrição - o que eu prezo muito. O que mais gosto dela é a figura que parecia frágil, mas realizava muita coisa. Tinha opiniões fortes, era uma amiga querida por muita gente. O jeito dela cantar é muito bom de se ouvir. Posso ouvir vários discos dela em seguida, que é sempre muito suave e ao mesmo tempo marcante.

Elebu - Uma vez te perguntei a respeito de discos solo e você respondeu na época (há mais de cinco anos) que naquele momento não te interessava porque um trabalho dessa natureza poderia acabar por concorrer com a própria banda. Bom, agora você vai lançar um disco solo alguns meses depois do Pato Fu. E por mais que seja uma homenagem, é um disco solo! Tem uma nova posição a respeito disso?

Fernanda - É uma nova posição. Chegou uma hora que todos os outros integrantes do Pato Fu estavam fazendo projetos musicais paralelos, só eu que não tinha o meu. Estava só no papel de mãe e de dedicação exclusiva ao Pato Fu. Depois de 15 anos de banda, acho que também posso brincar de um outro papel... sou uma pessoa muito ética. Sei que isso pode atrapalhar a banda dependendo da maneira que eu conduzir tudo. Não pretendo sair em turnê com esse disco este ano, mas já tenho uma banda em mente pra gente poder se apresentar ao vivo no ano que vem. O mais importante é que o meu projeto parece vir pra nos fortalecer e não pra nos separar, como eu antes acreditava.



nova e velha Bossa



Djenane Arraes

Qual o ritmo brasileiro mais influente no mundo? Bossa nova. As músicas brasileiras mais executadas lá fora são todas de bossa, os artistas mais conhecidos e respeitados também. A bossa nova inspirou gente de todos os estilos e em todos os cantos do Globo. Faz sucesso no Japão pela voz da brasileira Lisa Ono. Bebel Gilberto faz gente suspirar na Europa e Estados Unidos. Deu charme ao projeto francês Nouvelle Vague, que adaptou clássicos dos anos 80 para a batida suave da bossa e de outros ritmos latinos. Está presente como influência mor da mexicana Natalia Lafourcade, está no piano de Norah Jones e até já flertou com o Black Eyed Peas por meio de Sérgio Mendes.

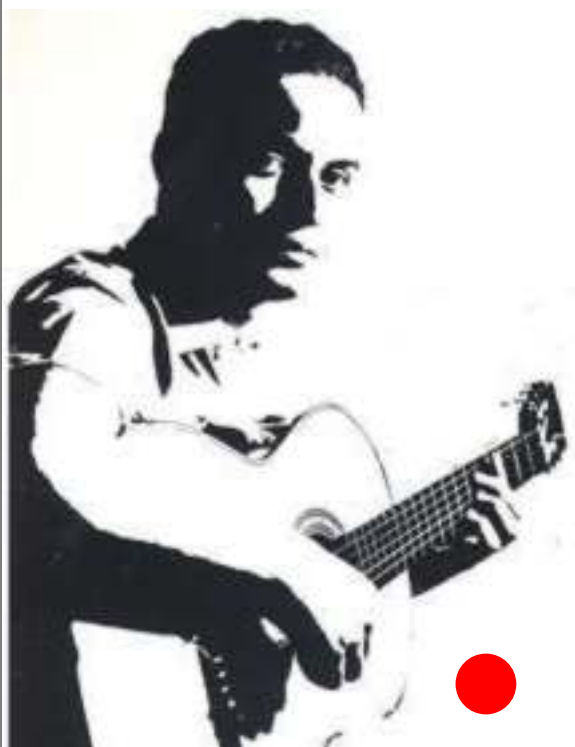
Mesmo sendo de importância extraordinária, a impressão é que poucos se deram conta que lá se vão 50 anos desde a primeira

música para a juventude brasileira nasceu depois que João Gilberto retornou ao Rio de Janeiro em 1957 com o violão debaixo do braço e famosa batida afiada nos dedos.

Claro que você pode protestar e dizer que música jovem era o rock e que João Gilberto só teve parte da responsabilidade. Mas é preciso entender que o rock é norte-americano e o assunto é música de raiz brasileira. E que a batida do João foi a peça fundamental de todo um processo em busca da evolução musical iniciado nos anos 50 que encontrou suporte no público jovem carioca, em especial o da zona sul. Sem ela a história seria bem diferente. Não teríamos a bossa nova e nem a MPB, ou nós as conheceríamos de uma forma diferente. É provável que nossos grandes músicos não tivessem a mesma abertura no exterior e que Tom Jobim jamais gravasse com Frank Sinatra. Nara Leão talvez tivesse virado uma jornalista e Elis Regina teria tomado o lugar da Wanderléia na jovem guarda e virasse a intérprete favorita do Roberto Carlos. Já pensou nisso?

A bossa nova simbolizou uma ruptura entre um período arcaico da música nacional até então mergulhada em boleros e sambas-canções, em direção ao que seria considerado moderno. E é a juventude que tem mais facilidade em aceitar e propagar novas idéias. A história que se seguiu é bem conhecida: os garotos se reuniam nos apartamentos para tocar a batida do João (o de Nara Leão é o mais famoso) e dali a coisa cresceu até que o som chegou aos ouvidos do resto do mundo. Gente como Vinícius de Moraes, Edu Lobo, Roberto Menescal, Carlos Lyra, Marcos Valle, Baden Powell, Ronaldo Bôscoli, além dos já citados e mais alguns outros, são parte fundamental da

ziniando



história da música nacional e também do mundo.

Mesmo com uma história rica, a nossa bossa nova anda meio em baixa, ofuscada pelo samba tradicional que voltou a ser cultuado e explorado a todo vapor pelos artistas da atual geração. Ao passo que é matéria prima para tanta coisa, ela carece de novos valores e de gente que procure propor uma evolução a partir da raiz. Em outras palavras, poucos são aqueles que se aventuram em ousar e ao mesmo tempo não ferir o estilo. Quem é que se considera um artista de bossa nova hoje em dia?

Os DJs Patife e Marky, além de Fernanda Porto, indicaram um caminho interessante ao mesclar clássicos do gênero com o drum'n'bass. A nova roupagem de *Só Tinha de Ser Com Você* causou rodas de discussões para saber se aquilo lá seria a nova bossa. Não foi bem assim e nenhum dos três deu continuidade a essa nova onda, mas ficou claro que a batida do João combinava com a eletrônica. Nesse tempo, apareceu também o trio Bossacucanova, projeto apadrinhado por Roberto Menescal que um trabalho consistente nesse sentido, em especial em *Uma Batida Diferente*, o disco que os tornou visíveis a um público mais amplo. Ainda assim existe um porém. Apesar de ser um trabalho quase perfeito, trata-se de novas roupagens para velhas canções. Muita é a reciclagem, mas pouca é a produção de novas músicas que possam atingir em especial a juventude, assim como ocorreu no início.

Bebel Gilberto é a que mais chegou perto nesse jogo que une a modernização e novas composições. Modificou a bossa com um som denso e cadenciado sem deixar de ter apelo pop, mas não conseguiu produzir um hit original forte. Seus maiores sucessos foram *Samba da Bênção* e *So Nice*, versão em inglês de *Samba de Verão* do Marcos Valle. Além disso, o público dela é adulto e seletivo.

A bossa também está presente em fragmentos, às vezes como um exemplo de uma gama de



variedades que um artista ou banda é capaz de fazer. Nesse sentido, a oferta é muita, mas a divulgação é pouca. Veja o caso do Pato Fu. A banda fez duas canções mais direcionadas para a bossa, ambas escritas por Fernanda Takai, e que entram fácil na lista das preferidas de muitos fãs. O porém é que elas foram alçadas à condição de "lado b". Adriana Calcanhoto levou a batida da bossa para a criançada. Mas, de novo, foi uma música entre outras canções, sem mencionar que o disco fez mais sucesso entre os adultos. Casos semelhantes vão seguindo em trabalhos de artistas como Arnaldo Antunes, Maria Rita, Nando Reis, Marisa Monte, etc.

A pergunta é se isso é suficiente para garantir a vitalidade da bossa nova pelos próximos 50 anos ou o futuro da batida é ser apenas parte integrante de outro estilo? Resposta para isso só com o tempo mesmo. Mas uma coisa se pode ter certeza: o legado daqueles que fizeram parte dela, em especial dessas figuras que ilustram o texto, vai durar séculos.



em constante evolução

A história de Roberto Batalha Menescal se confunde com a da bossa nova. Pudera, uma vez que estamos falando de um dos principais personagens do movimento(?). Capixaba, o guitarrista fundou junto com o amigo Carlos Lyra uma academia de música e ensinou Nara a tocar violão. Quando a bossa já estava ganhando o mundo, começou a compor com Ronaldo Bôscoli e com ele fez clássicos que transformaram a bossa numa música também de mar e verão. O maior deles é O Barquinho. "Dia de luz, festa de sol/ e o barquinho a deslizar no macio azul do mar...". Hoje Roberto administra seu próprio selo, além de gerenciar projetos ligados à bossa.

Elefante Bu - Tentaram tanto "casas" batidas eletrônicas com vários estilos, mas parece que foi com a bossa nova que ela encontrou um par. Você inclusive fez uma bossa eletrônica no disco do Bossacucanova, em especial da faixa *Feitinha pro Poeta*. O que você acha desse casamento entre a bossa nova e a música eletrônica que ficou popular em especial com a Fernanda Porto e o DJ Patife?

Roberto Menescal - Acho que a bossa nova depois de 50 anos precisa se renovar, assimilar novas influências, assim como foi no seu nascimento onde misturamos o samba com jazz e afro cubano. Quem ficar eternamente parado e isolado no tempo, a tendência é sumir!

Elebu - O que você acha da produção atual da música? Há alguém no Brasil dessa nova geração de músicos que chama a sua atenção na bossa, no samba ou em qualquer outro estilo?

Menescal - Creio que estamos numa entre safra, começo de Século quando novas coisas, formas, estão se preparando para aparecer e substituir aquilo que foi bom, mas FOI, não sabemos de onde vem, como vem, mas sabemos pela história dos séculos, que vem coisa nova. Por enquanto não vejo nada interessante que possamos chamar de um novo movimento musical, a única coisa nova e boa que vejo, é o aparecimento de muitas cantoras com grande qualidade.





Elebu - Voltando ao passado, como você reagiu ao ouvir pela primeira vez a batida do violão do João Gilberto?

Menescal - Fiquei transtornado, pois eu procurava fazer uma batida de samba diferente e achava que já estava chegando a ela, quando aparece João com a sua arrasadora batida, enlouqueci por completo!

Elebu - Algumas pessoas relataram que não foi muito fácil fazer a bossa nova sair dos apartamentos e ganhar popularidade no final dos anos 50. Qual é a visão de todo esse momento inicial da bossa?

Menescal - Eu acho que foi tudo muito fácil. As portas todas se abriam para nós, não que fôssemos bons demais, mas o momento era aquele, e tive sorte de estar lá.

Elebu - Mesmo sendo um dos principais nomes da "turma", você demorou um pouquinho mais para começar a compor. Mas quando começou junto com Bôscoli, a bossa do "sorriso e da flor" passou a ser também do mar e do sol. O que proporcionou a presença recorrente desses temas? E gostaria que você falasse também um pouco de sua parceria com Ronaldo Bôscoli.

Menescal - Eu era um cara que adorava o mar e fiz da praia "a minha praia". Era lá que jogava volley, futebol, pegava jacaré (surf), namorava, tocava violão etc, nada mais normal que nossas músicas tivessem sempre a presença do mar do sol, da natureza. Bôscoli foi meu parceiro mais constante, pela qualidade, modernidade de suas letras, e também pela amizade que curtíamos diariamente e noturnamente também!

Elebu - É verdade que a música O Barquinho foi feita pensando em Nara Leão? Vocês foram amigos de uma

vida toda, não é verdade?

Menescal - Não, a música O Barquinho nasceu dentro de um barco em Cabo Frio, quando lá estavam, Nara, Bôscoli, Yara (minha mulher), Tamba Trio e mais alguns amigos. Enguiçamos lá pelas 3h da tarde por fora da Ilha do Cabo, que é a parte mais afastada do continente, e fomos levados pela maré até que uma embarcação vinda da Bahia nos deu um reboque já no fim da tarde, quando começamos a cantar "o barquinho vai, a tardinha cai" e aí no dia seguinte a música naturalmente nasceu. Só fui fazer uma música em homenagem á minha grande amiga e irmã Nara, em 97 quando estávamos completando 40 anos de bossa nova. Letra de Joyce.

Elebu - Muitos falam do racha da bossa nova num primeiro momento por causa de Carlos Lyra, e depois com a Opinião de Nara. Mas não me recordo de nada que fale a respeito do momento ou época que a bossa "se reencontrou". Existiu esse instante ou as pessoas foram se reaproximando naturalmente?

Menescal - O tempo sempre resolve as coisas da melhor maneira, e a gente nunca comentou isso, pois depois de nos separarmos em vários países, uns nos EUA, outros na Europa, outro no México, fomos nos reunindo e fazendo coisas juntas, o que ajudou a apagar qualquer tipo de separação.



Elebu - Você tem três discos pela Elenco de Aloysio de Oliveira, que ao meu ver soava como uma versão pré-histórica de um selo independente, sobretudo pelo pouco dinheiro e tiragens pequenas. O que te fez optar lançar seus trabalhos por lá ao invés de tentar a Oden ou a Philips, as grandes da época?

Menescal - Primeiramente porque Aloysio é um cara incrível com uma tremenda visão artística e uma grande experiência trazida do musical Business americano, e depois porque foi ele que me deu condições e força para fazer aquele tipo de trabalho.

Elebu - Qual a sua opinião a respeito do mercado independente da atualidade?

Menescal - Acho que hoje para se fazer um trabalho de qualidade e com liberdade, somente pelo caminho do independente.

Elebu - E ainda falando em selos, você acabou lançando a sua própria gravadora. O que te levou a investir nesse negócio?

Menescal - Exatamente para fazer aquilo que acredito e também para usar e exercitar esse pouco que aprendi nesses anos todos.

Elebu - Por último, vemos que há uma grande saída de músicos daqui para se apresentar ou fazer projetos no Japão. Como é esse intercâmbio? Há explicação para essa empatia dos japoneses com a música brasileira?

Menescal - O Japão tem sido para vários de nós da bossa nova um campo muito bom de atuação, pelo interesse deles, gosto muito mais de tocar no Japão, do que em qualquer parte do mundo. Talvez esse interesse seja pelo ditado antigo, "os opostos se atraem".

Elebu - Há alguma coisa que ainda falta para você realizar na música após tantos anos de carreira?

Menescal - Claro, há sempre o amanhã, o desconhecido, as surpresas e as alegrias de se sentir prestigiado após tantos anos de trabalho. "Quem vive de passa do é Samba-canção!"



Kura

Del

Sur



Uma noite em reverência ao metal Sul-Americano

*Dewis Caldas
Fotos: Gustavo Adriano*

Cuiabá fica bem no meio da América do Sul, e nada melhor do que garimpar o que tem pelos países, juntar tudo e fazer um festival. Posso dizer que foi uma noite histórica para o metal mato-grossense, melhor ainda, uma noite histórica para o metal sul-americano, porque essa era a proposta do Festival Kura de Sul. A idéia era focar a cultura sem-fronteiras, a começar pelo nome, Kura vem do *Bakairi* (indígenas da região de Nobres, em Mato Grosso), e quer dizer gente, ser humano, nação. *Del Sur* vem do Castelhana, juntos podem ser lidos como Nação do Sul. Uma das grandes sacadas do festival foi convidar o Sepultura para fechar a noite, e tome lá, a turnê mundial Dante XXI entra na rota da arena do Museu do Rio, em Cuiabá.

Embora tudo já estivesse pronto, a galera demorou pra chegar. A primeira banda já estava quase começando e nada de público. A apresentação do Instituto Mandala foi uma mistura de soul, funk, rock e siriri (dança típica do Estado) feito por jovens que tinham nos punhos latas de tintas e tudo o que pudesse ser encontrado na rua e transformado em instrumento. Esse é um projeto cuiabano de inclusão social dentro do ensino da Percussão Brasileira, trazendo a sociabilização de crianças, jovens e adultos através da música. No repertório? Opa, desde temas autorais até Tim Maia. Que pena ainda não tinha tanta gente. Daí quem continua a sonzeira é o Cachorro Doido, rock 'n' roll setentista no seu mais puro conceito. Acabaram de lançar o primeiro CD e estão com todo vapor pra correr os palcos do país. A história deles é bem simples: são quatro músicos que já tocaram em várias bandas de Cuiabá, cada um com dez anos de palco, se juntaram e... - Vamos fazer uma banda? Pronto. No show ainda teve espaço pra alguns clássicos do rock mundial, a galera ia chegando, a arena estava ficando bonita.

A única banda de punk rock do festival nasceu em 2006, e desde vêm participando da cena independente da cidade. Snorks fala sobre sonhos e cotidianos, frustrações e medos regados à uma pegada forte, isso porque a faixa etária da banda gira em torno de 19 anos. Felipe Dandolini, guitarra e vocal principal, dessa vez estava mais seguro - mais solto - sem muito nervosismo, o que era apresentado em outros eventos. E isso foi decisivo na resposta da banda, que está cada vez mais redonda e consciente na estrutura da música. Na última música parou tudo, uma queda de energia levou o show a uma paradinha de cinco minutos. Quando voltou tudo ao normal, o negócio começou a pegar fogo de novo. De Punk para o metal extremo, Blessed by Hate, de Campo Grande (MS), mostrou um pouco da influência hardcore, mas a agressividade, a cara de raiva do baterista e o clima de tensão foram os pontos altos do show, a banda já tem quase três anos de estrada e está começando a rodar os cantos do Brasil. O engraçado é as dedicatórias, cada música correspondia a cinco amigos, e o pessoal aplaudia.

A primeira banda internacional do festival vinha de Santa Cruz, Bolívia. Anomalia já peita a cena underground do país a quase cinco anos e faz do metal seu reduto para concentrar força e energia gravadas no último CD, Cicatrizes. O show foi bem executado, consciente e arranjado. Dá até pra arriscar que foi uma das melhores bandas da noite. As influências são claras quanto ao hardcore, e é evidente o passeio do som por elementos nativos. HellZen é puro heavy metal, de início a galera não pegou muito a onda, mesmo com o Smoke on the Water, do Deep Purple, jogado de cara depois da introdução, não deu muito certo. A construção melódica da banda é certa, fazendo até quem não

gosta muito do estilo tentar se meter numa rodinha dessas. No início do show apareceu um cara cuspiendo fogo, de primeira todo mundo quer saber o que tá rolando, mas o fogaréu dura pouco, só o bastante pra deixar todo mundo olhando pro palco, e acho que nem precisava, a banda tem força pra já chamar o pessoal pelo som, mas falando sério? Até que aquele negócio era engraçado.

E os paraguaios do The Profane subiram com tudo no palco. A banda é considerada uma das principais do seu país, e já chega no Brasil mostrando como é isso de perto. O show é tenso, rasgado, mas não tão bom. Sendo uma das mais cultuadas da cena paraguaia, a banda – que ainda teve um dos melhores horários – não mostrou tanta qualidade, nem nos covers, nem nas músicas próprias. O show é provocante, te chama pra ir pra cima do palco, sair batendo todo mundo, organizar rodas (se bem que não se organiza roda, aparece do nada), mas chegando de perto, vê que não é grande coisa. Talvez tenha sido apenas um show ruim. É inegável o potencial dos caras que da pra perceber nos pequenos solos da guitarra, nas sacadas de algumas linhas do contrabaixo, e a batera, que seguia sempre nervosa. Pra anteceder a chancela da noite, nada melhor do que o terror da melhor banda de trash metal do Estado, isso sem contar os elementos death que se aglomera à composição musical deles. O show foi estrondoso, Venial está cada vez mais nervoso e sarcástico. Os vocais Fabinho e Barbosa se conhecem até nos improvisos, foi uma grande festa de cinco caras em casa. De vez em quando subia uma pessoa no palco, cantava/gritava e se jogava de novo. A galera pedia mais.

O melhor de todo o festival é que tudo foi feito sem atrasos. O show mais esperado da noite começou na hora certa, o palco já estava montado, instrumentos afinados e iluminação posta. O Sepultura é uma das bandas brasileiras de maior repercussão mundial, tendo viajado nos quatro cantos do mundo levando a bandeira nacional. Em Cuiabá pela primeira vez, o heavy metal pesado e carregado da banda já roda a mais de 20 anos, tendo como ex-integrantes os irmãos Cavaleiras. Na hora do show, quando subiram no tablado, parecia que o chão ia fundar, de repente todo mundo correu, grudou na grade e começou a levantar o braço. A banda está em turnê pelo último disco, intitulado Dante XXI, lançado no ano passado. O pessoal sacudia, tirava a camisa, colocava de novo, suava, pulava e respondia a todas as investidas do vocalista Dereck Grenn, que ainda capenga no português. O show foi histórico, sem presunção nenhuma, banda de qualidade, que faz jus ao que todo mundo diz sobre ela. Depois de tudo só sobrou a imagem do trabalho bem feito pela equipe do Espaço Atômico e que venha o Kura 2008.



Bandas, produtores e jornalistas que participam e apóiam a cena independente de Fortaleza (CE), fundam o SOMA, movimento que promete elevar a cultura alternativa a um outro degrau usando como armas a organização e um pouco de política.

Especulação imobiliária, corrupção policial, insinuações maldosas, invasão truculenta. Parece até uma operação armada como parte de um joguete político de algum grande que deseja conseguir alguma coisa a qualquer custo. Talvez seja isso mesmo. No entanto a vítima não foi ninguém grande, mas sim a modesta casa de shows Noise3D, de Fortaleza (CE), considerada um dos principais pontos da cena independente da cidade. Outra casa dessa mesma natureza, a Hey Ho Rock Bar, também fechou as portas porque não atendia à especificações de uma lei municipal. Bandas, jornalistas e produtores independentes falam em perseguição. “Uma série de fatores indicam que há pressão política para que o Hey Ho e o Noise3D saíssem dali”, explicou George Belasco, músico e compositor. “A imprensa local, particularmente um grupo de comunicação que acabou de instalar a sede do seu canal televisão ao lado do Hey Ho, publicou uma matéria que ligava os dois

bares a exploração sexual de menores. E vão construir um condomínio e um apart-hotel em frente ao finado Noise3D”.

Como para toda ação há uma reação, a adversidade fez nascer o SOMA, coletivo da música independente de Fortaleza, que une músicos, jornalistas, produtores e empresários no objetivo de organizar eventos que venham a fortalecer a cena, além de discutir políticas públicas. “O SOMA não tem nada a ver com esse papo hippie de ‘caminhando e cantando’. Já que as pessoas têm um objetivo certo que é reivindicar políticas públicas que propiciem (ou que pelo menos não atrapalhem) o desenvolvimento das ações que se coloquem como alternativa à uma cultura local massificante”, disse Belasco. A primeira reação veio em agosto por meio de um manifesto que inclui, além da assinatura de Belasco, do proprietário do Noise3D, Dado Pinheiro, do jornalista Felipe Gurgel, além de vários músicos e integrantes de associações. Nos meses seguintes, o SOMA organizou reuniões abertas ao público, além de promover diversos eventos pela cidade.

Para novembro está agendado o primeiro Festival SOMA que vai ser composto por dois grandes eventos. O primeiro é seminário *Quem Seguras Essas Bandas?*, que acontece no dia 16 no auditório do Centro Dragão do Mar. A mediação é do jornalista Fabinho Monteiro com a participação de George Belasco, Dado Pinheiro, o DJ Guga de Castro e do presidente da Associação Cultural Cearense de Rock (ACCR), Amaudsom Ximenes. Entre as questões a ser debatidas estão velhos dilemas como: até quando vale à pena manter uma programação

cultural se o público não a sustenta por diversas razões; se independência significa necessariamente amadorismo; se as programações musicais devem se manter em apenas certas regiões da cidade. No dia seguinte, 17, no anfiteatro do Centro Dragão do Mar, acontece o evento musical do 1º Festival Soma que reúne as bandas locais Joseph K?, Encarne, The Good Garden, Lavage e Dead Leaves, além da atração extra-estadual Moptop (RJ), quarteto que hoje é considerado um dos principais nomes da cena independente.

Mesmo antes do primeiro festival, a SOMA já pode comemorar pequenas vitórias. “A coisa toda vai se mostrar de fato até o final do ano, mas se houver mais perseguição, o SOMA já conseguiu uma visibilidade tímida para botar a boca no trombone. Além disso, não sei se isso é coisa da minha cabeça ou é ano eleitoral se aproximando, mas a prefeitura vem se mostrando mais interessada na área de cultura num contexto geral”, concluiu Belasco.

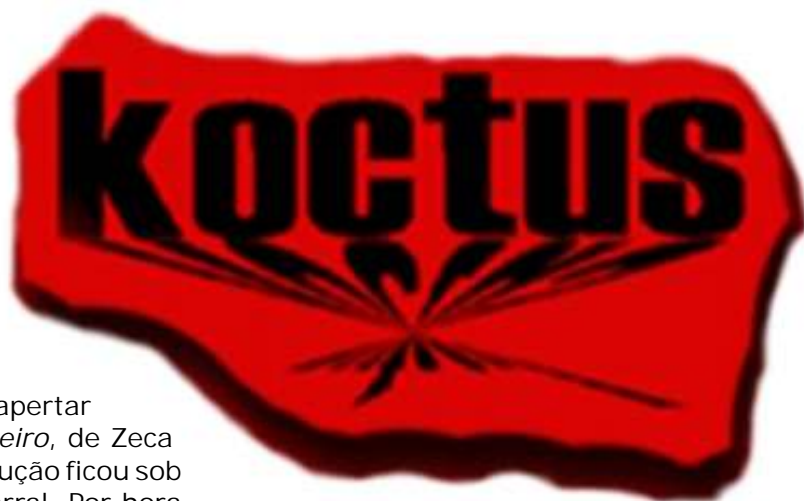
O pessoal de Fortaleza é mais um que segue uma tendência da organização de movimentos regionais unidos com um pensamento político em busca do fortalecimento dos independentes. Um dos mais antigos que trabalha nesse sentido é o Espaço Cubo, de Cuiabá (MT). Talvez esse seja mesmo o próximo passo que a música independente no Brasil passe a trilhar. Se essa história vai ter um final feliz, vai depender muito do trabalho duro de todos os envolvidos e da habilidade em se esquivar das dezenas de armadilhas que isso naturalmente traz.

mais um disco solo

patofu

Ricardo Koctus deu início à gravação do seu primeiro disco solo no último dia 29 no estúdio Ultra de Belo Horizonte. Serão 12 ou 13 faixas que prometem ter um som totalmente inesperado, o que significa que o público deve esperar algo diferente daquilo que é feito no Pato Fu. O baixista informou que a maioria do repertório já existia desde o início da sua banda, e a resposta do porque elas nunca foram parar no repertório dela, Ricardo foi categórico em sua resposta: “porque elas não têm a cara do Pato Fu”.

A vontade de gravar um trabalho solo começou a apertar após sua apresentação na abertura do show *O Baile do Baleiro*, de Zeca Baleiro, que rendeu boa repercussão e muitos elogios. A produção ficou sob a responsabilidade de Carlos Eduardo Miranda e Gerson Barral. Por hora não há notícias de participações dos outros integrantes do Pato. E para o pessimista apocalíptico, pode ficar tranquilo que nada disso representa o fim da banda e nem a saída de Ricardo. A verdade é que ele planeja conciliar as duas coisas “acertando uma coisa aqui e outra ali...”. Quem quiser conferir uma amostra do que virá, a dica é entrar na página www.myspace.com/ricardokoctus_ que tem vídeos de gravações muito toscas dos trabalhos no estúdio.



trabalho voluntário e caça



Alguns dos voluntários e estrangeiros que frequentam o CMLC e alguns dos adereços e bonequinhos encontrados por lá.

Texto: Djenane Arraes

Fotos: Djenane Arraes e Cintya Bianchi

Não há muito que fazer numa cidade universitária como Corvallis para um estudante regular da Oregon State University (OSU) a não ser colocar as caras no livro e curtir as poucas opções de lazer, além das festinhas. Imagine então os conjugues desses alunos? Boa parte acaba por ficar em casa cuidando exclusivamente dos filhos ou fazendo um curso aqui e acolá por estar impossibilitado de ter trabalho remunerado. Sim, porque para ter o direito de procurar um emprego através dos meios legais, vai depender do tipo de passaporte e do acordo feito com a instituição do respectivo país. O resultado é que muitos estrangeiros que acompanham maridos/esposas, seja em função da OSU ou da fábrica da HP (outro local que traz muitos à cidade, em especial indianos), ficam impossibilitados de fazer uma atividade remunerada.

Se o cara não está afim de arriscar em ficar na mesma situação daquele que cruza a fronteira com "coiotes", então uma alternativa de ocupação é ser voluntário. Sim, trabalhar de graça pode! Como consequência, há gente saindo no tapa para ocupar vagas destinadas para esse fim. Um lugar interessante para se passar o tempo e ainda descolar

um algo mais é no Corvallis Multicultural Literacy Center (CMLC). Dali é possível se fazer de tudo um pouco: aulas de línguas, artesanatos, culinária, costura, seminários, oficinas das mais diversas. A burocracia é quase zero e boa parte das atividades acontece na base do acordo. A única coisa que é preciso fazer é falar com a relações públicas, "receptionista" e "zeladora" Dee Curwen, aliás, uma figurara danada de simpática apesar de ser americana (risos).

O CMLC nasceu há três anos também de uma iniciativa voluntária. O espaço (uma casa grande de dois pavimentos) foi cedido pela OSU e tudo que existe lá dentro (computadores, móveis, livros) são doações da comunidade local e estrangeira. Lá funciona até uma espécie de museu com bonequinho de todas as partes do mundo, cartões postais, roupas típicas, instrumentos musicais e todo tipo de bugiganga. As atividades mais bacanas são os encontros semanais entre alunos da OSU, gente da comunidade e estrangeiros (alunos, acompanhantes ou meros visitantes) com o propósito de trocar informações e aperfeiçoar o inglês. Mas a vedete é a organização o Festival Internacional de Filmes, que acontece em fevereiro.

Até eu arrumei o que fazer por lá. Além dos encontros com os alunos e frequentadores, ainda virei professora de português.



aos doces

HALLOWEEN

Festividade de americano é um treco diferente. Não sei se porque estamos falando de uma cidade pequena, mas a forma que a comunidade se envolve com suas celebrações é curiosa e intensa. O Halloween é um exemplo. Boa parte das casas procura caprichar na decoração, colocando caveiras de plástico, teias de aranha, luzes, além da tradicional abóbora com careta mais conhecida como Jack O'Lantern. O Halloween tem origem numa comemoração híbrida que une o dia de todos os santos da igreja católica, festejos do início da colheita introduzida pelos romanos e o festival celta de Samhain que marca o fim da estação do sol e o início da estação das trevas e do frio. Ela foi introduzida nos Estados Unidos pelos irlandeses em 1840 e é um dos festejos culturais mais marcantes do país.

Fui olhar de perto a brincadeira do "trick or treat" em três lugares diferentes dentro dos domínios da OSU. Descobri que o tamanho do doce é diretamente proporcional a quantidade de dinheiro. A primeira parada foi num dormitório destinado aos estudantes mais afortunados. Lá os pais e responsáveis poderiam optar em acompanhar as crianças nos apartamentos ou ficar no hall e aproveitar um filme numa cadeira acolchoada enquanto come uns biscoitinhos com chá ou chocolate quente. Coisa de primeiro mundo. Dois estudantes acompanhavam os grupos pelos quatro andares do prédio novinho. Dali saíram doces "king size" de impressionar.

A segunda parada foi num dormitório bem maior, destinado a abrigar estudantes, digamos, mais modestos. Logo na entrada, o aluno responsável com fantasia de robô com sentimento (por causa do coração desenhado) feita com caixas de papelão mais que reaproveitados soltou o aviso: "é só pegarem o elevador, irem até o sétimo andar e de lá vocês descem pelas escadas. Vocês podem bater nas portas dos apartamentos que tiverem uma abóbora. É isso e divirtam-se". E de lá a criançada seguiu seu roteiro com pais, responsáveis e nenhum guia como os do primeiro dormitório. Por alguma razão, elas pareceram se



divertir muito com a caça de portas com abóboras desenhadas, mesmo que os doces fossem mais modestos.

Outra coisa que não deu para deixar de reparar no segundo dormitório foi na impressionante quantidade de chapinhas para cabelos ligadas nos dormitórios das meninas... e na zona geral. Agora sei porque os cabelos das americanas estão sempre inabaláveis, mesmo com a famosa chuva do Oregon.

A terceira parada foi no condomínio dos estudantes da OSU com família. Não havia orientação alguma, apenas o tradicional código de referência da brincadeira: as casas com luz acesa e Jack O'Lantern na porta da frente eram as que tinham doces. Essa foi a parte mais divertida do tour, porque foi o momento que a criançada estava livre para correr e aprontar.

Por algum motivo a crença dos celtas cabe muito bem aqui. Halloween marcou o último dia do ano onde as temperaturas mínimas ainda era positivas.

mais imagens...



Acima: rio Columbia, que faz a fronteira entre os estados do Oregon (à direita) e Washigton (à esquerda). A Casa de Pedra, na foto menor acima, é um dos pontos de observação e é parte do roteiro de turismo "Columbia Gorge", feito por meio uma rodovia histórica que acompanha o rio e só usada para esse fim. Ao longo da pista é possível ver várias cachoeiras, incluindo a Multnomah, a segunda maior dos Estados Unidos (na foto ao lado, a primeira etapa dela).



A Oregon State University (OSU) foi fundada em 1858 como faculdade de Agricultura. Esse continua sendo um dos cursos mais fortes da instituição. Ao lado, o prédio da Agricultura.



É tradição da OSU haver um desfile de "homecoming" aos estudantes no início dos semestres. Apesar da pompa, é um evento bem muxoxo. A verdadeira festa de "homecoming" é feito durante o jogo dos Beavers (time da OSU) de futebol americano.



Uma semana particularmente ruim, mas típica do outono, foi marcada por fortes ventos e alertas de possíveis tornados no vale do Willamette, onde estão as cidades de Portland, Corvallis, Salem e Eugene. O céu ficou assim: chovendo folhas.

Como resultado da ventania, os gramados e calçadas por toda a cidade ficaram bem parecidos com isso e até piores. A limpeza acontece aos poucos mas só será efetiva quando todas as folhas caírem para o inverno.



a música é da tv ou da internet?

Foi-se o tempo em que a música da novela do momento, ou dos programetes juvenis de final de tarde, era o hit de sucesso. Quer dizer, ainda é sucesso por conta dos jabás da rádio, comerciais, programas de auditório, mas será que elas ainda exercem decisivamente no gosto musical dessa novíssima geração que nem mesmo sabe como usar um rádio e raramente liga a TV?

De tudo isso, é cada vez maior o número de acessos dos grandes sites de notícias, músicas e entretenimento: O internauta quer cada vez mais seletividade e mais singularidade. Lembro, pelos idos de 1995, quando a internet ainda era coisa de laboratório, era muito fácil (com grana no bolso) pra uma banda espalhar sua música. Num plano estratégico feito pela gravadora, a tática guerrilheira era assim: Aparecia duas vezes num programa de domingo, depois uma participação como música de fundo do casal apaixonado da novela de horário nobre, mais dois comerciais de roupa ou solidariedade e pronto: Estouro, estouro e estouro, dinheiro pra todo mundo. Um grande exemplo que me vem à cabeça é o mega sucesso do Gera Samba (que depois de uma quase batalha judicial virou É o Tchan). Eles surgiram mais ou menos em 1996 com uma música nada convencional, explorava tanto a sexualidade que fazia uma mulher dançar no gargalo de uma garrafa, em pouquíssimo tempo foi febre pelo Brasil inteiro. Imediatamente estavam em todos os programas nacionais, coleções de bonecas, concursos para novos integrantes e shows diários - sempre lotados. Nessa mesma época, os Mamonas Assassinas também exploravam outra temática, a da diversão exagerada, o jogo das piadas contínuas. Não demorou muito pra que a primeira vendesse mais de 10 milhões de cópias, e a segunda cerca de 2 milhões, que não só foi mais por causa do fatídico acidente. O resultado de toda essa estratégia foi transformar essas duas bandas os maiores símbolos daqueles anos. Mas pergunto: - Se fosse hoje, surtiria tanto efeito? Depois do advento de sites, blogs, Orkut, pessoas fazendo por si só, seria tão massificada e explorada uma imagem como essa? A geração que toma o espaço, e que vai abraçar a década de 10 é a que menos é influenciada pela grande mídia, isso é fato. Não é incomum pessoas com menos de 20 anos não saberem quem são os protagonistas da novela do momento, ou até mesmo, o hit do herói da novela

de mutantes (novo conceito criado pelos lados tupiniquins), mas talvez seja fácil qualquer um deste dizer o que rola de engraçado no youtube.com, por exemplo.

Mas essa não é a discussão, e sim a música: O que digo é que hoje as possibilidades de se explorar, conhecer e fuçar são muito mais atraentes e fáceis, e é isso cresce cada vez mais. As probabilidades de se conhecer outra cultural musical se abrem além: Posso muito bem - daqui mesmo do computador onde estou - escutar o último Cd do Fábio Junior ou optar pela voz suave de Dian Permana Putra, um indonésio autor da triste Kerangan, que diz no refrão Perca Yalah Kasih Tiada Yang Lain Hara Panku, que eu nem faço idéia do que significa. Ou então, posso escolher uma banda sergipana chamada Snooze, do que a regravação cover do novo sucesso do KLB. Ou então a regravação cover do Roger Water de Across the Universe, dos Beatles. É tudo ao alcance, há um click apenas.

Com isso tudo, você pergunta para alguém de mais ou menos 18 anos sobre sua banda preferida, ela poderá dizer quatro ou cinco que você nunca ouviu na vida, é uma realidade diferentes? Não! Mas é a opção pela exploração. E é nesse campo que nascem os produtos independentes. Pense bem, antigamente o artista tinha que gravar o CD, vender, fazer shows, ganhar dinheiro e ficava tudo bem. Só que tudo ficou alarmante: Segundo a ABPD - Associação Brasileira dos Produtores de Discos, no ano passado foram vendidos cerca de 80 milhões de Cd's em todo o território nacional, enquanto que 112 milhões foram pirateados. Então o que acontece? O artista se desliga do Cd, e começa a fazer show novamente. Um grande exemplo disso é a banda inglesa Radiohead, uma das mais conceituais do anos 90, que acaba de lançar o CD In Raibows, através do seu site, onde poderia ser pagar quanto quiser, ou até mesmo nem pagar nada. Outro exemplo é o cantor folk-rock americano Bob Dylan que, com mais de 50 anos no meio musical, ainda sim faz shows todos os dias. Não existem mais diferenças, nem regiões, nem história, nem idiomas quando se fala musicalmente na internet. E o bom disso tudo é que a maior banda do mundo tem o mesmo valor de importância e alcance do que a menor banda: Quem ganha minha audiência é quem fizer a música que mais me agrada, e pronto! Só quero ver quando o mercado fonográfico vai assimilar isso.

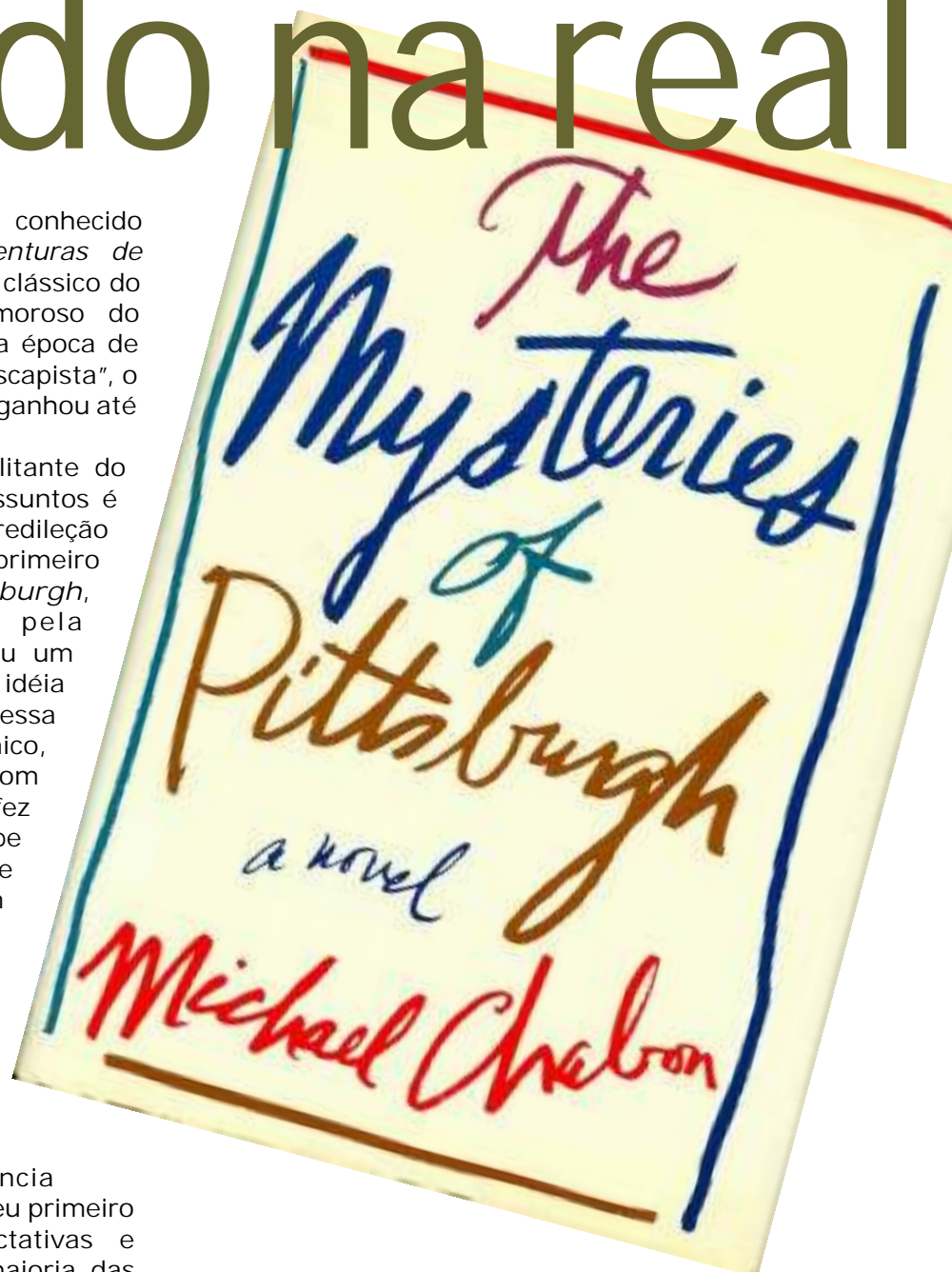
caindo na real

Michael Chabon é escritor conhecido pelo premiado *As Incríveis Aventuras de Kavalier e Clay*, livro que virou um clássico do mundo geek pelo trabalho primoroso do romance que faz uma viagem pela época de ouro dos quadrinhos. Dali saiu "O Escapista", o super-herói criado por Chabon que ganhou até o próprio gibi.

Mas ele não é escritor militante do mundinho geek e seu leque de assuntos é amplo (apesar de ter uma certa predileção em criar personagens judeus). O primeiro romance, *Os Mistérios de Pittsburgh*, foi sua tese de mestrado pela Universidade da Califórnia e virou um bestseller estadunidense. Não faço idéia do que o levou a escrever um livro dessa natureza como trabalho acadêmico, mas que bom que foi feito. E com autoridade, é bom dizer. Chabon fez faculdade em Pittsburgh e quem sabe não cruzou com alguns rostos que mais tarde foram transformados em personagens?

O narrador do livro em questão é Art Bechstein, judeu, recém-formado em Economia pela Universidade de Pittsburgh, filho de um chefe mafioso. É um sujeito inteligente, mas sofre com o olho crítico de seu progenitor. Com uma eloquência espantosa, Art vai descrevendo o seu primeiro verão pós-formado, suas expectativas e sonhos. Como acontece com a maioria das pessoas, nada sai como o esperado e ele vai trabalhar numa grande livraria nada glamurosa e ainda depende do dinheiro sujo do seu pai (e tem perfeita consciência disso).

A história começa com a notícia do fim de um relacionamento duradouro com uma garota não muito encantadora e Art estava desiludido. Mas tudo muda quando ele fura um encontro com a antiga namorada para ir a uma festa com Arthur, um conhecido da biblioteca da universidade. Arthur é responsável por Art se aproximar de seus amigos mais próximos: o casal Jane e Cleveland, e Phlox. Eles mostram uma nova visão de mundo, o que encanta o narrador. Jane é a mulher perfeita, o amor platônico; Cleveland é o espírito selvagem, o encanto pelo lado mais perigoso e irresponsável da vida; Phlox é um vulcão emocional interessante, a mulher que tem um



coração de um policial; Arthur é o amigo gay intrigante e manipulador, além de bonito. Art, de formas diferentes, se apaixona por todos eles. Quer ser e possuir todos os quatro e assim faz com que todos mergulhem e sua vida naquele verão, até que aos poucos descobre que depois do encantamento vem a realidade e, com ela, reflexões importantes para se libertar de certos preceitos e de sua redoma.

Os Mistérios de Pittsburgh é livro memorável, onde se pode curtir um escritor entusiasmado com o novo ofício e ao mesmo tempo já amadurecido. Michael Chabon fez algo próximo da literatura pop, mas é complexo suficiente para agradar aqueles que querem algo mais do que uma simples história de relacionamentos e citações de discos ingleses. Os críticos colocam o chapéu de gênio em Chabon. Eu não sei se é para tanto, mas que ele vai te oferecer algo a mais, isso é certo. Para maiores de 18 anos. (Djenane Arraes)

muitas faces

Rita Maria Félix da Silva

Ele nascera acometido por um tédio doentio, incurável e crônico. A vida lhe parecia apenas rotina, hábitos e repetição... E, com cada partícula de sua alma, abominava isso. Não fizesse algo contra tal estado de coisas, por certo, enlouqueceria antes de atingir a maturidade.

Assim, elaborou uma idéia para evitar esse destino. Primeiro, treinou sua mente e espírito para mudar a forma que desejasse. Depois se ocupou em ensinar a sua face e corpo como se alterarem do modo que precisava. Certa vez, percebeu que atingira o objetivo: mudar a si mesmo à sua completa vontade. Na segunda, era João; na terça, se transformava em José, na quarta tornava-se Joel e assim continuou seus dias, em cada um sendo uma pessoa diferente. Nunca mais rotina. Tédio banido para longe. Escapara às mortíferas garras da mesmice.



Arte: Walfiran Guedes

E assim foi por alguns anos.

Todavia, uma manhã chuvosa atacou-lhe o coração com um terrível entendimento:

Alterar-se diariamente de uma pessoa para outra se tornara uma repetição, que é irmã do hábito e da rotina e insidiosa amante do tédio. Ah, o tédio, do qual tão engenhosamente pensara ter fugido, agarrava-o pela garganta.

Chorou por quase uma semana. Em seguida, abandonou a idéia de transformação. Escolheu um rosto, um corpo, e aprisionou-se nele. Procurou um hospício, e lá se internou. Passava os dias ocupado com orações (um hábito no qual, inesperadamente, encontrara muito prazer) para que os deuses apressassem a vinda da demorada morte.

vórtex e paradoxos



Arte: René Magritte

Georgiana Calimeris

Só quem entrou em vórtex temporal ou num paradoxo vai entender do que estou falando. Parece que entramos em outra dimensão e vemos a coisa nessa mesma dimensão. A gente começa dizendo: “mas, eu podia jurar...”, ou pior, “ninguém acredita na frase”. Parece doido falando. Outro dia mesmo, devo ter entrado num paradoxo. Estava esperando um ônibus para voltar para casa e vi a indicação de que o bendito iria para a avenida que passa praticamente do lado de casa. Subi sem me preocupar até que o bicho fez uma curva e entrou na estação central de ônibus (para ficar bonito, melhor que dizer rodoviária). Eu me desesperei porque o dinheiro estava contado. Consegui contornar a situação tirando uma graninha no caixa eletrônico e pensei cá com meus botões: podia jurar que havia pego o ônibus correto porque estava escrito o nome da avenida. Bem-feito, quem mandou não perguntar para o motorista para onde estava indo?

A categoria dos vórtex e paradoxos temporais e locais servem também para os objetos perdidos dentro de casa quando a gente também usa a frase: “eu podia jurar que deixei aqui mesmo”. Aquilo nos deixa com a pulga atrás da orelha, literalmente. A gente repassa o filme em nossas mentes da última vez que vimos o objeto que procuramos agora. O pior é que a lembrança vem borrada, estranhamente como se o dia jamais tivesse existido, claro se não tivermos memória fotográfica. Abençoados aqueles que gostam dos detalhes das coisas. Mas, enfim, esse não é o meu caso. Além de entrar no paradoxo do

ônibus, o vórtex leva meus objetos para só Deus sabe - o famoso SDS. O pior tipo de objeto para se perder é par de meias, porque alguma entra em algum paradoxo e é levada por um tipo de empuxo para um lugar até agora desconhecido e ela nem precisa chegar até a máquina para se perder no espaço. Talvez, entre o trajeto até a máquina, a meia já tenha entrado em algum outro espaço perdido por aí.

Tem certos objetos (como as meias) que já nem me preocupo mais em saber onde foram parar. Deve haver um universo paralelo onde jazem as meias perdidas, sem pares. Mas não só meias se perdem: cuecas e calcinhas também costumam sumir misteriosamente. Prendedores de cabelos de qualquer tipo, clips de papéis, canetas e até mesmo livros devem estar empilhados em algum Achados e Perdidos do Universo. Nossa! Que coisa mais sem sentido até agora, mas é que estou intrigada porque há uns dias atrás meu telefone celular desapareceu. O tempo foi passando e como as minhas coisas gostam de paradoxos ou vórtex, já estava me preparando para fazer um funeral para prestigiar o aparelho, fazendo a trajetória em minha mente de onde poderia tê-lo largado, lamentando a perda iminente e eis que ele é encontrado em cima da cama, largado e jogado. Claro que fiquei feliz com o reencontro. Afinal, não é sempre que os objetos voltam do mundo dos Achados e Perdidos Paradoxais. Mas, mesmo com os objetos de volta, ainda me pergunto: onde vão parar todas essas coisas que a gente podia jurar que estava logo ali?